

NOTA INFORMATIVA

Nº 07.2020 | 30 Out 2020

Economia angolana contrai 8,8% yoy no 2º trimestre de 2020

Tal como em outras geografias, a actividade caiu bastante com a pandemia

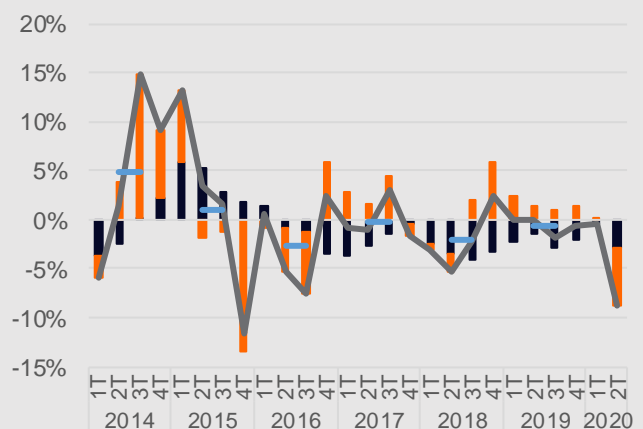
A. DESCRIÇÃO

1| O PIB angolano voltou a registar uma quebra homóloga entre Abril e Junho deste ano, de 8,8% face ao período homólogo. Isto representa o 4º trimestre consecutivo de quebra na economia angolana depois de declínios de 1,9% e 0,6% no 3º e 4º trimestres de 2019 e quebra de 0,5% no 1º trimestre deste ano. A quebra deveu-se, por um lado, a uma contracção de 8,2% yoy no sector petrolífero e por outro a um declínio muito pronunciado de 41% no sector da construção. De modo geral, nos primeiros 6 meses do ano, a economia angolana contraiu cerca de 4,5% yoy.

2| É de notar que os dados anteriores sofreram uma revisão significativa, revelando um desempenho menos negativo do que se achava. Para o 1º trimestre deste ano, os dados agora revelam uma quebra homóloga do PIB de 0,5%, 1,3 pp acima do inicialmente divulgado.

De forma similar a outras geografias, a pandemia levou a uma quebra histórica na actividade

Varição yoy, Contribuição para a variação homóloga



■ Petrolífero ■ Não petrolífero* — PIB — Anual

* Proxy: PIB subtraído do PIB petrolífero

Fonte: INE

B. ANÁLISE

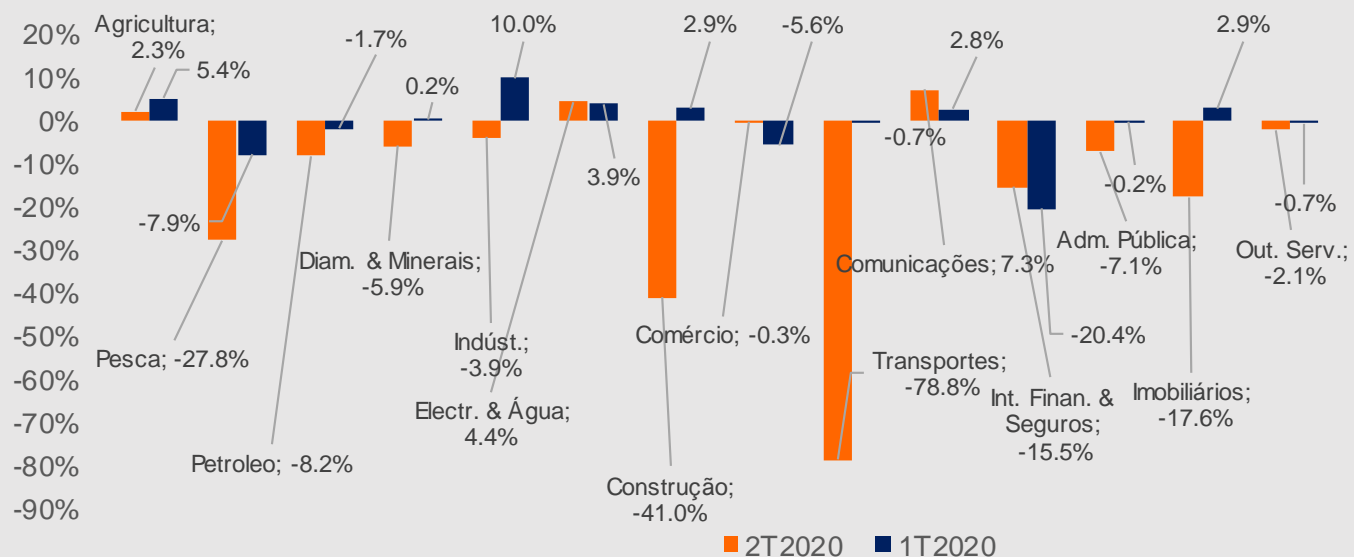
1| Após ter registado no 1º trimestre a menor contração desde o último trimestre de 2017, a economia petrolífera voltou a registar uma quebra (-8,2% yoy) no 2º trimestre de 2020. Esta variação do PIB petrolífero deve-se ao continuado declínio na produção petrolífera, que deriva das quotas de produção do novo acordo (assinado em Abril) entre os membros da OPEP+. Segundo os dados reportados por Angola à OPEP, registou-se uma descida de 11% yoy na produção, que terá ficado em torno dos 1,27 milhões de barris diários (mbd) no segundo trimestre de 2020. Os dados de exportações do Ministério das Finanças indicam uma descida menos acentuada de 2,3% yoy no 2º trimestre, com o mês de Junho a registar uma quebra homóloga de 11,6%. No 3º Trimestre de 2020, o declínio na actividade da economia petrolífera poderá ter sido superior, perto dos 10%: os dados já publicados pelo Ministério das Finanças apontam para um volume de exportações de crude inferior em 10,3% yoy no período, ainda que se tenha registado uma recuperação na produção no mês de Setembro. No último trimestre do ano, a economia petrolífera devesse continuar em recessão, embora a um ritmo menos acelerado que nos trimestres anteriores.

2| O sector não petrolífero deverá ter contraído no 2º trimestre de 2020, com os dois maiores sectores fora dos hidrocarbonetos em quebra. Em geral, os efeitos da quebra nas receitas petrolíferas (menos investimento estatal e poder de compra diminuído devido ao Kwanza mais depreciado) terão acumulado com as restrições impostas à actividade económica durante o período de confinamento. O Comércio (excluindo o petróleo, é o sector com maior peso no PIB) registou uma ligeira contração de 0,1% após uma quebra significativa no trimestre anterior (-5,9%). Por outro lado, o sector da construção (3º maior componente do PIB) registou uma quebra homóloga de 41% tendo sido o sector

que mais contribuiu negativamente para o desempenho da economia retirando 3,2 pp à taxa de crescimento. O sector dos transportes viu a sua atividade cair 78,9% tendo tido uma contribuição significativa para a quebra económica (-2,2pp). Em sentido contrário, apenas os sectores da Agricultura (2,3%), Eletricidade e Águas (4,4%), e Comunicações (7,3%) tiveram crescimento económico positivo. O Setor da Agricultura pesou 6,7% no PIB trimestral, pela primeira vez acima dos 6% na série estatística. Para o segundo semestre, a economia não petrolífera deverá continuar em quebra durante o resto do ano com o FMI a prever uma recessão de 4%.

Actividade económica no Comércio e nos Transportes com grande quebra no 2T 2020, muito devido aos efeitos restritivos derivados da pandemia.

Varição homóloga em percentagem



Fonte: INE

CAIXA 1 – Dados da execução orçamental mostram saldo positivo na primeira metade do ano

Na primeira metade do ano, o Executivo registou um saldo orçamental positivo de AOA 0,6 biliões, equivalente a cerca de 3,6% do PIB. Os dados do Ministério das Finanças apontam igualmente para um saldo primário de AOA 1,6 biliões - cerca de 9,6% do PIB; em comparação, o saldo primário atingido em 2019 foi de 6,9% do PIB, o que demonstra a persistência na consolidação orçamental por parte do Executivo. A receita orçamental cresceu 29,4% yoy no período, acima da inflação, enquanto a despesa orçamental aumentou 40,2% face à primeira metade de 2019. Do lado da receita, destaque para a receita em impostos não-petrolíferos, que aumentaram 38,9%, bem acima da expectativa do Executivo para o ano completo (cerca de 17%) e da nossa expectativa (perto de 34%). Por outro lado, a receita obtida em receitas de contribuições sociais superou já a previsão para o ano todo, devido a uma colecta anormalmente elevada no 1º trimestre, provavelmente relacionada com pagamentos em atraso à Segurança Social. Do lado da despesa, a principal causa para o crescimento deriva do aumento de 40,8% das despesas em juros; os gastos em pessoal, bens, serviços e transferências todos cresceram ao nível da inflação ou abaixo - os gastos em bens & serviços diminuíram em cerca de 2%. Na segunda metade do ano, deverá registar-se um défice orçamental (no 2º trimestre já se registou um saldo negativo), embora os dados da execução possam levar a que o défice em 2020 seja inferior à nossa expectativa, que ronda os 2% do PIB.

C. CONCLUSÃO

1| A economia angolana registou uma quebra pronunciada no 2º trimestre de 2020, devido ao triplo impacto da pandemia (menor capacidade de investimento do Estado, Kwanza mais depreciado, restrições logísticas à actividade económica). Em 2020, dependendo do andamento da pandemia e do seu impacto no mercado petrolífero, prevê-se nova recessão para a totalidade do ano, com a perspectiva para 2021 também dependente dos mesmos factores. Porém, de momento a economia petrolífera continuará em quebra com o corte na produção e adiamento de novos investimentos por parte das operadoras, enquanto a economia não-petrolífera terá crescimento dependente da estabilização do preço do Brent.

Esta publicação destina-se exclusivamente a circulação privada. A informação nela contida foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. As recomendações destinam-se exclusivamente a uso interno, podendo ser alteradas sem aviso prévio. As opiniões expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores, reflectindo apenas os seus pontos de vista e podendo não coincidir com a posição do BFA nos mercados referidos. O BFA, ou qualquer afiliada, na pessoa dos seus colaboradores, não se responsabiliza por qualquer perda, directa ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou seus conteúdos. O BFA e seus colaboradores poderão deter posições em qualquer activo mencionado nesta publicação. A reprodução de parte ou totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte. Os números são expressos utilizando o ponto como separador de milhares e a vírgula como separador decimal e utilizando a designação de “milhar de milhão” para 10^9 .